

TERREIROS UMBANDA: ENTRE AS RELAÇÕES E EXPRESSÕES/CULTURAIS NA CIDADE DE PARINTINS-AM.

Ruan Batista Bulcão¹
José Camilo Ramos de Souza²

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de contribuir com os estudos científicos sobre formação dos territórios da cultura umbandista na cidade de Parintins-AM. Neste sentido possui relatos a de indivíduos construtores de relações socioculturais a partir de fatos ligados a umbanda, onde podemos conhecer algumas características desta religião, bem como, seus territórios estão inseridos na cidade. Podemos verificar como os espaços umbanda se articulam formando novos territórios, a partir disso, se reestruturam e se reorganizam criando relações de territorialização vinculadas com as práticas construídas no cotidiano. Procuramos mostrar como os um terreiro está dividido territorialmente, bem como, mapear os terreiros, e mesas encontrados na cidade. Na maioria dos casos os terreiros sofrem um processo de segregação, visto que historicamente constituem-se uma figura que “amedronta” as pessoas por ser diferente de outras religiões. Assim procuramos mostrar os aspectos cultural umbanda e mostrar que a mesma pode ser incorporada como uma manifestação cultural livre da perversidade e dos preconceitos impregnados nos espaços sociais.

Palavras-chaves: Umbanda. Território. Segregação. Cultura.

¹ Acadêmico do Curso De Licenciatura em Geografia. email: ruan.batista.fla@gmail.com

² Professor Dr. do Curso De Geografia Da Universidade Estadual Do Amazonas UEA-CESP. email: jcramosdesouza@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A concepção teórica referente às miniestações culturais considera que a prática de umbanda encontra-se embutida no espaço geográfico. A religião de umbanda, também é resultado das relações da sociedade sobre o meio, produzindo uma paisagem cultural peculiar que se manifesta sobre os mais variados símbolos e significados.

Por outro viés, a umbanda é uma manifestação cultural de um modo de vida peculiar que foi historicamente construída e que ainda resiste aos atuais momentos de globalização que se impõe sobre o espaço, relacionando-as com múltiplas amostras de sentimentos culturais atribuídas a vida urbana da dinâmica espacial dentro da cidade de Parintins.

O espaço geográfico um sistema também formado por uma complexa teia de sentimentos, valores morais, éticos, hábitos e significados, o mesmo torna-se reflexo dos lugares e suas manifestações. De fato, diante dos fragmentos da totalidade das relações culturais como é o caso da umbanda a relacionamos com a categoria território e suas territorialidades intrincadas nas relações sócio espaciais.

Partindo desta perspectiva, pode-se refletir que a produção concebida pelas sociedades e seus grupos por meio das práticas socioculturais, promove a produção de uma paisagem cultural, logo, de lugares multifacetados.

Por meio desta concepção, busca-se com esta pesquisa estudar a representação, a sua relação e o simbolismo que o lugar significa ou apresenta aos Terreiros de Umbanda dentro da categoria território.

Assim, procuramos caracterizar quais os motivos estão relacionados diretamente na saída dos terreiros de umbanda da parte residencial da cidade de Parintins, e analisar como esses fatores se reorganizam nos espaços dos centros de umbanda, no objetivo de mapear e mostrar os terreiros de umbanda e seus territórios. Do mesmo modo, Identificar as ações motivadoras da mudança territoriais e as territorialidades dos terreiros de umbanda do centro da cidade para os bairros mais distantes, com intuito de entender de que forma estão se construindo os novos territórios e a organização dos terreiros de umbanda nos bairros, analisando como se organizam e se dinamizam os

processos de organização territorial dos terreiros de umbanda dentro da cidade de Parintins-AM.

A pesquisa partiu de uma abordagem fenomenológica, de momentos presentes nos cultos (sessões umbanda), das observações e entrevistas, experiência dos praticantes. Para isso, partimos de um levantamento bibliográfico, procurando, desta forma, estabelecer o ponto conceitual que irá estruturar o referencial teórico-metodológico do trabalho, através de bibliografias específicas sobre a temática do estudo.

Foi realizado um levantamento de quantas casas ou terreiros de umbanda existem na cidade de Parintins para o mapeamento dos espaços umbanda. Neste sentido, foram realizadas visitas aos Terreiros para observar seus rituais e cerimônias, bem como a aplicação de questionários com perguntas abertas, para os praticantes dos cultos e ritos, que atribuíram informações ao estudo. Para a melhor coleta de dados realizou-se entrevista em datas selecionadas para estar presente nas manifestações culturais dos Terreiros de Umbanda.

Neste sentido, o trabalho se justifica por ser a tentativa de compreender como os terreiros de Umbanda estão construindo os territórios e suas territorialidades bem como sua forma de organização espacial, e que motivos levam a sua reorganização dentro da cidade de Parintins-AM, bem como entender a sua importância histórica para o retrato que é apresentado sobre estes territórios que estão em busca de sua territorialidade.

2. DIÁLOGOS SOBRE TERRITÓRIOS DENTRO DA CIDADE.

A cultura Brasileira em relação às manifestações culturais é muito variada formando um mosaico de símbolos, sentimentos, imaginários e saberes. Essas manifestações ajudam a construir o que Holzer (1998) enfatizando Sauer denomina de “paisagem cultural”. Essa paisagem cultural ainda segundo Holzer refletindo Sauer é o resultado da cultura que para ele é o agente, sobre a área natural que é o meio. Partindo disso a cidade se transforma em grande cenário aberto, com várias manifestações culturais ocorrendo.

As transformações que ocorrem em todas as cidades, mesmo sendo pequenas ou grandes para seus projetos expansão, geram conflitos a partir do seu valor e o próprio uso solo como argumentar Carlos (2009, p. 42) “São os

diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradições e portanto sem luta”.

Esses processos que ocorrem todo momento dentro das cidades, mostram o quanto o espaço é disputado, sendo assim pode ser organizado e reorganizado pelos próprios moldes da sociedade, sendo o espaço urbano construído através de diferentes visões, como discorre CORRÊA (1989, p. 09) “fragmentado e articulado e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de lutas. É assim a própria sociedade de classes em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais”. Sendo assim, a cidade sempre será um campo de conflitos entre os mais ricos e os pobres, em busca de espaço, para seus interesses. Onde uma parcela da população estará sempre sendo empurrada para áreas periféricas sem estruturas e sem condições humanas.

Dentro da cidade, existem vários de tipos de relações que podem ser culturais, religiosas e econômicas. Cada segmento da sociedade cria suas próprias relações e determina seu espaço, como afirmar CARLOS (2009, 38-39) “A sociedade produz seu próprio mundo de relações a partir de uma base material, um modo que vai desenvolvendo e criando à medida que se aprofundam as relações da sociedade com a natureza”. O espaço no caso da cidade, está aberto, como ponto de partida para as relações locais, transformando assim, em seus territórios, CORREA (2008, p. 71) “A gestão do território implica o controle da organização espacial, incluindo, em muitos casos, o controle de sua gênese e dos processos que a mantém ou a alteram”. Esse processo de produção não fica estático, ela busca ampliar e dominar outras áreas através da reprodução de seus objetivos.

3. O TERRITÓRIO E A UMBANDA EM PARINTINS.

Há várias visões de abordagens sobre as concepções de território e de como essas formas são interpretadas pela outras ciências, bom isso surge a existência de uma diversidade de enfoques. Partindo desse processo, surgem

os territórios que são a relação de poder que os indivíduos mantêm dentro de determinado espaço de uma cidade.

Para RAFFESTIN (1993 [1980], p. 143) “Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço”. O ator fica ligado diretamente, onde o próprio RAFFESTIN (1993 [1980], p. 143) afirmar que:

O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si.

O trabalho gerado em um determinado espaço, acaba por assim criando laços, por construir algo que está representando um local para viver ou para outras atividades.

Raffestin discorrer sobre o assunto "a necessidade natural, mas a capacidade que os homens têm de transformar, por seu trabalho e ao mesmo tempo, a natureza que os circunda e suas próprias relações sociais. Portanto o poder se enraíza com, trabalho” RAFFESTIN (1993 [1980], p. 56). Hoje em dia essa ligação gera esses conflitos, por motivos de relação de poder com esse pequeno espaço, representar aquilo que é seu.

O território é um objeto de poder, onde os atores vão construindo seus ideais, procurando assim influenciar todos indivíduos que convivem e participam dessa relação. (Michele Briskievicz. Apud SACK, Robert) “define o território como área de influência de uma autoridade ou de um grupo de atores sociais que controlam as “coisas” e as pessoas”.

A influência é muito importante nesse aspecto, no qual surge e serve para fazer a manutenção e certamente no futuro apropriar novos territórios.

Segundo SOUZA (2000, p. 78), “O território, é fundamental em espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder. [...] o que se produz ou quem produz em dado espaço, ou ainda quais as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço concreto”.

Os grupos sociais e culturais, buscam fortalecer e manter essa porção dentro do espaço geográfico que é seu território através das relações, onde dessa forma querem cada vez deixar evidente que o local, por criam laços afetivos, criam uma ligação tão forte, que quando modificado ou ameaçado o

local, tem uma grande perda de valores sentimentais e afeta a identidade do grupo social.

A partir disso, nossa olhar voltará mais para o ponto cultural de formação dos territórios, dando destaque para fatores de dimensão simbólica e subjetiva, como produto de apropriação através do imaginário e da identidade social de cada grupo sobre o espaço. Como discorre (Michele Briskievicz. Apud Haesbaert, Rogério, 2009, p. 6).

O território precisa ser compreendido numa perspectiva integradora, ou seja, como um domínio politicamente estruturado e também como apropriação simbólica, identitária inerente a certa classe social. Há uma conjugação, nessa concepção, entre os processos políticos e culturais como principais definidores de cada território.

Em Parintins, temos vários territórios criados pelas instituições religiosas, mas este estudo está voltado a compreender o território dos terreiros de umbanda e suas territorialidades. Rosendahl (1996, p. 59) afirma que “A religião será examinada no contexto geográfico relacionado à apropriação de determinados segmentos do espaço. Os espaços apropriados efetiva ou afetivamente são denominados territórios”.

Hoje em Parintins existem terreiros, onde a própria localização e a própria imagem, são vistos por alguns indivíduos da sociedade como território de cultos afro-brasileiros ou usando uma outra linguagem coloquial, os lugares da “Macumba”. Segundo Rosendahl (1996, p. 54), em seu livro Espaço e Religião uma abordagem geográfica

Trate-se de uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois evolve o deslocamento de um lugar a outro, deslocamento este, em muitos casos, e marcado por uma periodicidade regular. Envolvendo assim, espaço, tempo, fixos – os lugares sagrados- e fixos”.

Esse movimento que está presente na cidade, fez acontecer uma mudança do terreiro do São Sebastião que se localizava no centro da cidade, no qual hoje se encontra mais afastado da área residencial.

Esses conflitos com as religiões afro-brasileiros está evidente na própria umbanda em Parintins, gera segregação desses centros. Corrêa (1989, p. 09) “As áreas residenciais segredadas representam papel ponderável no processo

de reprodução das relações de produção, no bojo do qual se reproduzem as diversas classes sociais e suas frações”. Partindo desse pensamento o terreiro de São Sebastião foi alvo desse processo, a vizinhança foi um dos principais motivos para a saída do terreiro para áreas distante, pelo fato de muitos não aceitarem pelo preconceito e a não aceitação da manifestação no bairro.

O Terreiro já na concepção de conteúdo cultural, delimita seu território a partir de representações e se enraíza dentro do espaço, dando-lhe assim uma identidade. Ganhando valorização simbólica de um grupo vivido no espaço.

Essa identidade é vista através dos traços culturais da umbanda: vestimentas, cordões e própria imagem que o participante do culto detém.

Aos que fazem parte da umbanda, levam consigo esses traços, uma identidade, então surgem as territorialidades, cada membro possui em suas casas a sua “mesa santa particular”, onde segue suas regras, existindo uma relação de autonomia do próprio terreiro. Para Rafesttin (1996, p. 160) “Mas a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível”.

Hoje em dia é possível saber que o terreiro de umbanda, constrói e mantém através de seus cultos, festividades e tradições a imagem de que está presente dentro do espaço da cidade de Parintins, e mantém ligações com outras áreas em relação de poder com suas territorialidades. Mas é possível e real perceber que uma parte da sociedade parintinense mantém um pensamento e uma imagem marginalizada dessa cultura. Que deveria ser mais conhecida e divulgada.

4. O NASCIMENTO DA UMBANDA NO BRASIL.

Em 1908 um jovem, Zélio Fernandino de Moraes de 17 anos, se preparava para ingressar na carreira militar, passou a ter “surtos” contínuos e sem explicação na época.

A família do rapaz era seguidora da religião católica, toda vez em que Zélio era incorporado pela entidade era tomado como louco, na maioria dos casos a família passava a acreditar que ele estaria possuído por “demônios”.

Assumia a postura de um velho de fala mansa, que ensinava receitas medicinais advindas da natureza.

O médium passou por várias sessões de exorcismo. Nesta fase, sua mãe se recusava a leva-lo em centro espíritas, pois para ela e deveria ser “curado” pela religião que a família seguia. Depois de ser muito aconselhada, sua mãe resolveu levá-lo ao centro de Kardecista em Niterói presidida pelo senhor José de Souza.

Após convidado a se sentar à mesa para participar da sessão levantou-se e saiu da sala, depois voltou com uma flor e a colocou no centro da mesa, isso causou uma insatisfação aos participantes presentes.

Zélio foi tomado pelo espírito, depois de perguntado qual seu nome, a entidade respondeu, que o mesmo era um velho índio brasileiro chamado “caboclo das sete encruzilhadas”, que foi o padre Gabriel Malagrida, acusado e queimado na fogueira de inquisição no ano de 1775, por ter previsto um terremoto que destruiu a cidade de Lisboa na época. Com tudo, Deus permitiu que sua última forma física ele pudesse ser um índio brasileiro.

Na casa de seu aparelho (Zélio) o caboclo realizou o primeiro culto e estabeleceu normas para que os praticantes pudessem seguir. Todos deveriam realizar o culto vestindo branco e que os atendimentos fossem aberto para a população gratuitamente. Assim o nome do movimento passou a se chamar umbanda uma pratica religiosa voltada inteiramente para o amor e a caridade.

Segundo Peixoto (2008) este relato é baseado em provas verídicas contidas em fitas, com os fatos narrados e possível de escutar, autênticos e com permissão para divulgação.

Depois de 55 anos à frente do movimento umbanda o médium passou a direção dos trabalhos espirituais a suas duas filhas Zélia E Zilméa. Contudo, seguiu trabalhando no rio de janeiro atendendo doentes e todas as pessoas que o procuravam.

5. O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO DOS TERREIROS DE UMBANDA EM PARINTINS-AM

Na cidade de Parintins existem uma diversidade de movimento sociais expressos em várias figuras culturais, caboclos ribeirinhos, indígenas, entre

outras. A cultura afro-brasileira se faz presente na cidade, deste modo, podemos encontrar espaços onde muitos praticam a mesma.

Na maioria das vezes os chamados terreiros de macumba sofrem preconceito pela sua própria comunidade, são visto como praticas incomuns por muitos, pois esta religião foge dos costumes do catolicismo e protestantes empregado nas concepções religiosas de muitos. A não aceitação, causa na maioria dos casos a segregação dos terreiros para outras áreas, diminuindo seus espaço e seus territórios. Mais que isso, segrega principalmente aos que seguem essa linha religiosa.

Neste sentido, tudo que é visto como fora do comum torna-se incomodo para as pessoas, assim como classe pobre é segregada para áreas distantes dos centros urbanos, na umbanda acontece o mesmo processo, a saída para os arredores do centro torna-se em muitas vezes forçada visto que alguns terreiros são marginalizados no centro da cidade como afirma B.P. S 53 anos *“Bom! Foram vários, vários, vários motivos né. Que no centro da cidade existia muita perseguição né, de vez até pelo toque do tambor então a vizinha criou vários problemas, quer dizer passei mais de 10 anos ali trabalhando, mas esse sofrimento era muita perseguição, então esse foi um dos motivos de eu mudar de lá pra cá. Pra vim cá pra beira do mato, mais bem melhor, fico bem melhor com certeza (SIC)”*.

Pelo relato podemos perceber que as culturas afros brasileiras ainda carregam consigo a imagem marginalizada construída historicamente pela intolerância e preconceitos religiosos construídas por outras “visões”, que ainda é notável na cidade de Parintins e em outros lugares do brasil. Sendo assim, muitas causam medo nas pessoas que acabam por difundir uma ideia de que o que o diferente pode ser prejudicial, como destaca Peixoto (2008, p. 1) “[...] esclarecer, desmistificar conceitos infundados, e fortalecer sua verdadeira identidade, livre de preconceitos religiosos alimentados por uma absurda desinformação”.

Pelo fato de não conhecer a umbanda e suas características muitos acabam criando ideias contrarias da mesma. A falta de informação dos conhecimentos das religiões afro-brasileiras, transformam e recriam cada vez mais esse medo, o que leva a não procura dos conhecimento umbanda, como funciona, e como são realizados suas manifestações culturais. Por isso, geram

esse processo de segregação dos terreiros, vistos como locais, onde são realizados cultos ao “demônio”, ou rituais satanistas, coisas negativas.

Os representantes espirituais da umbanda sentem-se muitas vezes oprimidos e até mesmo ameaçados como são segregados, sofrem alguns problemas, nessas áreas distantes e as vezes isolados, como diz A. S 65 anos *“Bom pelo seguinte, na parte isolada só tem um problema né, que todo mundo vive, esse problema dos ataques dos vândalos né, de pessoas tentando entrar na casa da gente, isso é um problema que a gente vive constante, aqui no mato como lá para o centro” (SIC).*

O afastamento para dos terreiros acabou por criar novos territórios no entorno dos bairros do centro. Como afirma ANA FANI (2003), as áreas periféricas da cidade mostram claramente como a mesma se reproduz espacialmente, através de uma sociedade hierarquizada que está dividida em classes sociais, que se reproduz de forma desigual e contraditória. E a partir dessa desigualdade surgem os novos territórios.

Esses novos espaços afastados do centro da cidade, encontram-se na maioria das vezes desestruturados. O bairro para onde os terreiros se deslocam passam pelo processo de formação, alguns são tão afastados que possuem a carência de estruturas básicas como esgoto, asfalto, iluminação públicas, saneamento básico e outros.

E nesses espaços surgem novos territórios onde as pessoas que frequentam, circulam ou até mesmo conhecem por nome, reconhecem que aquela parte da cidade está situada um terreiro. Saquet (2007, p. 58), cita que:

O território é apropriado e construído socialmente, resultado e condição do processo de territorialização; é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se num *campo de poder*, de relações socioespaciais, nas quais, a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras.

Quando se forma um novo território há um novo processo de construção do espaço social. Neste sentido, dentro do território são formadas as relações das pessoas com o novo meio, bem como, a relação do mesmo com os agentes e situações presentes no cotidiano. Isso leva a territorialização onde o território se articula pelas práticas sociais construídas dentro do próprio território.

6. A DIVISÃO TERRITORIAL DENTRO DO TERREIRO DE UMBANDA SÃO SEBASTIÃO NA CIDADE DE PARINTINS AM.

O terreiro de umbanda de São Sebastião está situado no bairro Jacareacanga, próximo a Universidade Federal do Amazonas UFAM. A representante do terreiro é a dona Benedita Pinto dos Santos de 53 anos conhecida na cidade de Parintins como “Mãe Bena”, faz parte deste movimento há 45 anos.

Este terreiro existe desde 1985, primeiramente localizado no centro da cidade e mais tarde mudando-se para o Jacareacanga (figura 01). A análise deste centro umbanda remete a pesquisa a conhecer um pouco das suas características e como o mesmo está dividido territorialmente dentro do próprio terreiro.



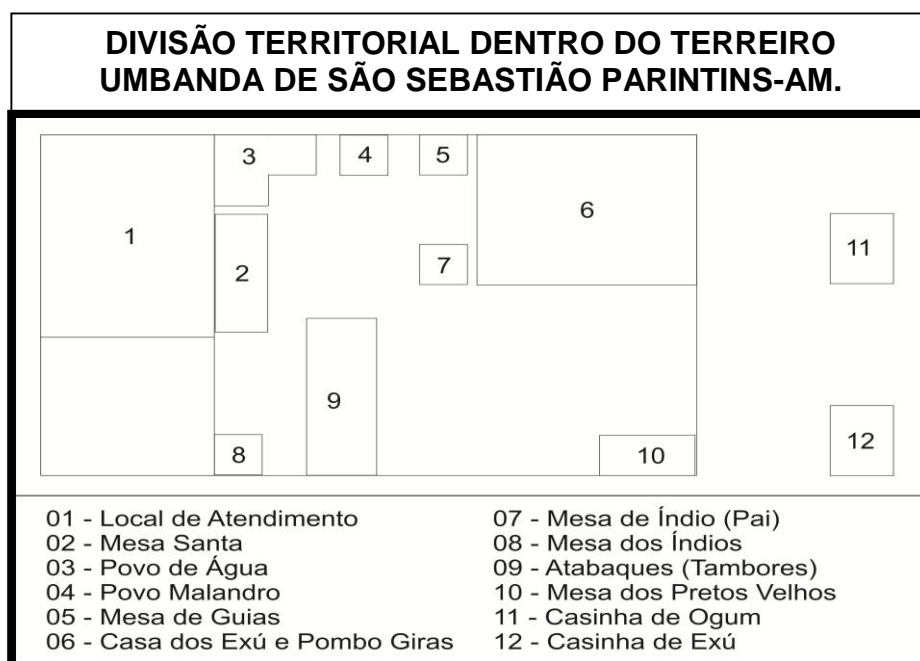
Figura 01: Área de estudo Terreiro São Sebastião.
Fonte: Ruan Batista Bulcão, 2015.



Figura 02: Área de estudo interno do Terreiro São Sebastião.
Fonte: Ruan Batista Bulcão, 2015

Dentro de um terreiro encontramos uma articulação de divisão territorial, nos quais as mesas (que possui Imagens em gessos, representando as entidades) apresenta simbolicamente o determinado espaço que cada nação possui (ver croquis 01).

Esse espaço específico dentro do terreiro, por exemplo, no qual essas nações são representados por entidades (espíritos encantados de orixás, pretos velhos, marinheiros, erês ou crianças, exú e pombogiras, índios, santos católicos e mais outros), assim determinando seu território dentro do terreiro. Através das observações feitas, podemos constatar pela estrutura de organização das mesas dentro do terreiro, existe o processo de territorialização do espaço, no qual foram delimitados por áreas representando cada linha da umbanda.



Croquis 01: Divisão territorial dentro do terreiro umbanda de São Sebastião.

O croquis (01) mostra a divisão territorial das entidades dentro do mesmo terreiro. Neste sentido, cada um possui um lugar específico dentro e fora da casa. Segundo os ensinamentos umbanda os territórios estão representados pela simbologia de cada “povo”.

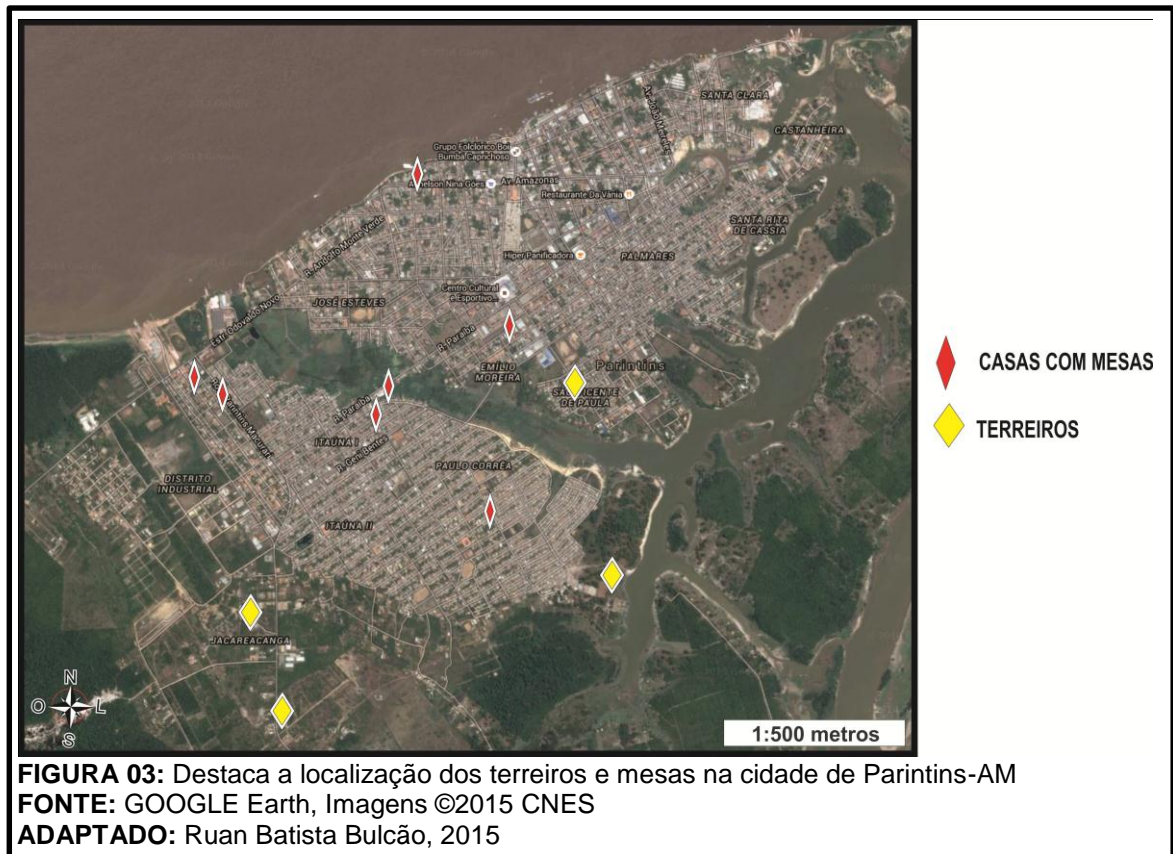
O território está presente, em cada lugar desse possui uma representação simbólica dentro da instituição, como os dois quadros que se encontram fora do terreiro, no qual conversando com a senhora Benedita, que informou que serve para a proteção do terreiro.

Percebemos que os praticantes possuíam uma forte ligação com lugar e seu território e que cada “peça” dentro do terreiro possui um significado íntimo para cada um, até mesmo sua localização próxima a floresta, como diz B.S 53 anos “[...] *o local próximo da mata, é uma parte muito forte, parte que se traz muito fluido positivo da mata, do rio, da estrada né. É muito, muito bom isso é uma correspondência muito forte entre terreiro, vida espiritual e os trabalhos que agente banca*” (SIC). Neste sentido, os terreiros também necessitam estar próximo de locais como matas, rios e encruzilhadas, pois segundo as crenças umbanda, recebem forças (energia de elementos da natureza).

Os trabalhos realizados nos terreiros consistem em ajudar as pessoas que a procuram. Os territórios de umbanda, delimitados por terreiros e mesas. O terreiro onde são realizadas as manifestações das danças, batuque de tambores (atabaques), cânticos, com a presença de oferendas, normalmente afastados do centro urbanos.

A mesa ou quarto santo, possui espacialmente uma dimensão menor do que a do terreiro, sem a presença de tambores, tornando-se um lugar mais reservado para o mesário ou o médium. Mas também realizam chamadas para os “encantados”, realizando os “trabalhos” espirituais

. Encontram-se em sua maioria em residências. Parintins conta com muitos territórios onde estão situados as mesas e terreiros de umbanda (ver figura 2).



A figura (02) destaca a localização dos terreiros e mesas que trabalham dentro da religião umbanda. Podemos encontrar em Parintins quatro terreiros denominados de: Terreiros São Sebastião situado no bairro Jacareacanga; Terreiro de Iemanjá na estrada Eduardo Braga próximo a Universidade Federal Do Amazonas UFAM; Terreiro de São Cosmo e Damião no bairro São Vicente de Paulo e Terreiro de São Gabriel Arcanjo no bairro Teixeira.

A localização nos mostra como os terreiros são alvos do processo de segregação pela sociedade, outro motivo que chamar bastante atenção, é que durante as suas manifestações através de danças e cantos, o som dos tambores incomoda a vizinhança próxima dos terreiros o que acaba gerando conflitos. Por isso buscam áreas distantes para celebrarem com tranquilidade suas manifestações religiosas.

Os demais pontos em vermelho mostram a distribuição das casas que possuem um mesa, onde realizam suas sessões particulares, que está pontuada no mapa uma pequena parcela, as demais outras que se encontra-se em atividade dentro da cidade de Parintins, no entanto, em alguns casos ocultas.

CONSIDERAÇÕES

A umbanda pode ser entendida como um movimento religioso e social presente no cotidiano. Na cidade de Parintins observamos a presença de vários pontos onde se localizam terreiros e mesas de umbanda.

Percebemos através deste trabalho a presença dos territórios formados pelo movimento umbandista e sua territorialização, bem como as diversas opiniões sobre o tema. Percebemos que a religião de umbanda ainda é vista pelas pessoas como uma religião diferenciada construída de diversos preconceitos, ou seja, a imagem da mesma dentro da sociedade ainda aparece como um tabu.

Muitos não conhecem sua essência e suas doutrinas, por isso a jogam de forma preconceituosa. Mas que isso, as pessoas dentro da umbanda também são tratadas como indiferente, onde a figura do praticante de umbandista e “sinônimo” de rituais satânicos adoradores de demônios.

A forma como a sociedade absorve o movimento da umbanda reflete na segregação das pessoas e dos terreiros que se afastam para os arredores dos centros urbanos como constatamos na cidade de Parintins-AM. Ao que a pesquisa indica o barulho dos tambores, o modo “incomum” de cultos usando instrumentos simbólicos como, comidas, danças, batuque e traços africanos.

Ainda é possível ver as mesas de umbanda nas residências do centro ou próxima dele, porém encontra-se bem diferente do que um encontro em um terreiro. Nas mesas os encontros são mais particulares, ou mesmo, mais silenciosas para não incomodar a comunidade de seu entorno.

Os principais terreiros hoje encontra-se afastados da parte central da cidade, são encontrados principalmente perto da floresta ou beiras de rios, como é o caso de terreiro de São Sebastião e do terreiro de São Gabriel Arcanjo. Isso reforça a ideia de que a umbanda em Parintins ainda possui caráter marginalizado, com isso os líderes dos terreiros preferem na maioria dos casos afastar-se dos aglomerados urbanos, longe das críticas e pensamentos mal recriados sobre esta religião.

De fato o termo religião para os praticantes da umbanda se torna muito subjetivo, ou seja, os mesmos preferem essa nomenclatura. Assim como o catolicismo está para o cidadão católico, a umbanda está para o seguidor

umbandista. Apenas o que separa as duas, bem como, as demais religiões encontradas na cidade, é a falta de informação a intolerância e o preconceito disseminados na sociedade.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. Ática: São Paulo, 2002. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PEIXOTO, Norberto. **Umbanda Pé No Chão: Um Guia De Estudo Orientado Pelo Espírito Ramatís**. 1º edição – 2008

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ / NEPEC, 1996.

HOLZER, Holzer. **O lugar da Geografia Humanista**. Disponível em:<<http://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>>. Acesso em 10 de Novembro de 2015.

SAQUET, Marcos Aurelio. **BRISKIEVICZ. Territorialidade E Identidade: Um Patrimônio no Desenvolvimento Territorial**. Disponível em:<<http://agbpp.dominiotemporario.com/doc/CPG31A-3.pdf>>. Acesso em 10 de Novembro de 2015.

ALMADA, José Alexandre Berto de. **Do Território ao Território Usado: Uma Reflexão sobre a Categoria de Análise do Espaço Geográfico**. Disponível em:<http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403824346_ARQUIVO_DOTERRITORIOAOTERRITARIOUSADO-CGBVitoria.pdf>. Acesso em 15 de Novembro de 2015.